



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**FABIANA DE SIQUEIRA BRAZ**

**PSICANÁLISE E MELANCOLIA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LUÍSA DA  
OBRA “O PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIRÓS**

**MONTEIRO-PB  
2015**

**FABIANA DE SIQUEIRA BRAZ**

**PSICANÁLISE E MELANCOLIA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LUÍSA DA  
OBRA “O PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIRÓS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura  
em Letras da Universidade Estadual da Paraíba,  
(UEPB – Campus VI), como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura em Letras.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Joana Dar’k Costa.

MONTEIRO-PB  
2015



É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B827p Braz, Fabiana de Siqueira  
Psicanálise e melancolia [manuscrito] : uma análise da  
personagem Luísa da obra "O primo Basílio" de Eça de Queirós /  
Fabiana de Siqueira Braz. - 2015.  
43 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Exatas, 2015.  
"Orientação: Prof. Ma. Joana Dar'k Costa, Departamento de  
Português".

1. Romance. 2. Conto. 3. Psicanálise . 4. Literatura  
brasileira. I. Título.

21. ed. CDD B869.3


FABIANA DE SIQUEIRA BRAZ

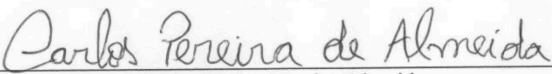
**PSICANÁLISE E MELANCOLIA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LUÍSA  
DA OBRA “O PRIMO BASÍLIO” DE EÇA DE QUEIRÓS**

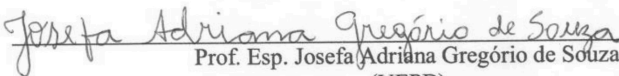
Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, (UEPB – Campus VI),  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciatura em Letras.

Aprovado (a) em 02 de dezembro de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Joana Dar'k Costa  
UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Carlos Pereira Almeida  
(UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza  
(UEPB)

MONTEIRO-PB  
2015

A Deus: pela presença constante em minha vida, sem qual nada seria possível.

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas por quem quero expressar aqui minha gratidão. Desde já agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente agradeço a Deus pela vida e pelas oportunidades que ele tem me oferecido.

À memória do meu pai, a minha mãe por sempre acreditarem em mim e ajudarem grandemente na realização dos meus sonhos. Obrigado pelo apoio e pela torcida sincera.

À Joana Dar’k

Meu sincero agradecimento a minha orientadora, que com sua generosidade e sabedoria me ensinou muito mais do que conceitos psicológicos. Obrigado pelas orientações e pela seriedade com esse trabalho. Enfim, obrigado por ter acreditado em mim.

Aos amigos Hortência, Guilherme, Edcarla, Roselí, Alcione e Djailson e aos demais alunos da melhor turma, obrigada pelas alegrias que vocês me proporcionaram ao longo da minha licenciatura. Sentirei saudades!

Sou grata à professora Adriana Gregório pela atenção, carinho e ajuda no período de estágio.

Ao professor Carlos Almeida pelas sugestões e comentários que foram muito úteis na realização deste trabalho.

Minha gratidão a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica em especial, Luciana Nery, Marcelle Ventura, Bruno Alves e Amanda Freitas.

Ao meu esposo, Izaias Nário, sou grata meu amor pela sua paciência, compreensão e pelas palavras motivadoras que são essenciais. Você é insubstituível na minha vida.

Encostei-me a ti, sabendo que eras  
somente    onda.  
Sabendo bem que eras nuvem, depus a  
minha        vida        em        ti.  
Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao  
teu                    destino,                    frágil,  
Fiquei sem poder chorar quando caí.

Cecília Meireles

## RESUMO

O presente trabalho, com base na Psicanálise, faz uma abordagem da obra *O primo Basílio* de Eça de Queirós tendo como objetivo analisar uma das questões mais pertinentes nesta obra: a melancolia vivenciada pela personagem protagonista do livro, Luísa. Para tanto, tomaremos como aportes teóricos os estudos realizados por Freud (1917), Juan-David Nasio (2007), Igor Caruso (1984) e outros Psicanalistas a respeito da melancolia causada pela dor de amar e pela autopunição. Na obra *O primo Basílio*, o autor faz críticas à sociedade lisboeta mostrando segundo ele as mazelas e o forte preconceito, que eram características peculiares daquela época. Centrado em temas polêmicos, o autor tangencia um dos fatos mais recorrentes na sociedade, o adultério. Na trama, sob o olhar da Psicanálise, percebemos que a personagem Luísa vivencia, inicialmente, um efervescente desejo de trair o marido e posteriormente, após a traição e o abandono do amante, ela passa a viver de forma melancólica, atormentada pelo sentimento de culpa, desejo de autopunição e perda de sentido da vida. Fazendo uma análise a partir da teoria do aparelho elaborado por Freud, podemos supor que a personagem cede aos impulsos do *Id*, traindo seu marido e sofre com a força do *Superego*, cuja função é preservar a moral visando manter a ordem social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Melancolia; Dor de amar; Separação; Moral.

## ABSTRACT

This paper, based on psychoanalysis, is an approach to work *The Basil* cousin of Eca de Queiroz having to analyze one of the most relevant issues in this work: the melancholy experienced by the protagonist character of the book, Louise. Therefore, we will take as theoretical contributions studies by Freud (1917), Juan-David Nasio (2007), Igor Caruso (1984) and other psychoanalysts about the melancholy caused by the pain of love and the self-punishment. In the work *Cousin Basilio*, the author criticism of Lisbon society showing he said the wounds and the strong prejudice which were peculiar characteristics of that time. Centered on controversial issues, the author touches one of the recurring events in society, adultery. In the plot, from the perspective of psychoanalysis, we realized that the character experiences Luisa initially an effervescent desire to betray her husband and, after the betrayal and abandonment lover, she goes to live melancholy way, tormented by guilt, desire for self-punishment and loss of meaning of life. Making an analysis from the machine theory developed by Freud, we can assume that the character gives the Id impulses, betraying her husband and suffering from the strength of the Superego whose function is to preserve the moral order to maintain social order.

**KEYWORDS:** Melancholy; Pain of love; Separation; Moral.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I - PSICANÁLISE E MELANCOLIA: O DIÁLOGO COM A LITERATURA</b> .....	12
1.1 Sigmund Freud e a Psicanálise.....	13
1.2 Sigmund Freud e o Fascínio pela Literatura.....	15
1.3 A descoberta do inconsciente e da sexualidade infantil .....	16
1.4 Freud e as teorias do aparelho psíquico.....	18
1.5 Amar é sofrer? Os labirintos da dor de amar .....	21
1.6. A melancolia provocada pela dor de amar e pela autopunição.....	25
<b>CAPÍTULO II - LUÍSA SOB O VÉU DA MELANCOLIA</b> .....	28
2.1. Realismo Português: Eça de Queirós e a literatura.....	29
2.2. Luísa: Transgressão e punição.....	33
2.3. Melancolia: O dilaceramento do ego.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43





## INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como proposta uma análise de uma das obras mais importantes do século XIX, *O primo Basílio*. A riqueza dessa obra é tal, que oferece diversas linhas de pesquisa e reflexão nas mais variadas vertentes. Além desse romance proporcionar uma demonstração da realidade social da época, os conflitos de envergadura literária entre o romantismo da arte pela arte e o romantismo como estética realista dos problemas sociais, consegue também abrir portas para outras áreas do conhecimento tal como a Psicologia, em especial a Psicanálise Freudiana.

É nessa ótica psicanalítica que repousa a proposta de pesquisa e reflexão sobre a obra de Eça de Queirós. Buscaremos analisar os conflitos psíquicos vivenciados pela personagem Luísa tendo como suporte teórico os estudos de Freud relacionados à melancolia e a teoria do aparelho mental (*id, ego e superego*).

Propomos aqui a reflexão sobre a morte da personagem principal Luísa, que após trair seu marido e ser abandonada por seu amante se entrega a tristeza e a culpa, perdendo o encantamento pela vida. Podemos supor que esses sentimentos podem estar relacionados ao desejo de punição que ela tem no seu inconsciente, desejos que segundo Freud são características da melancolia.

O romance queiroziano se configura num cenário de grande rigor de preceitos da sociedade do século XIX, sendo assim o espaço da figura feminina nessa época era limitado, isso fazia com que muitas mulheres enveredassem pelo caminho da repressão de seus legítimos desejos, para se adequar as normas sociais vigentes. Percebemos assim, que a protagonista do livro *O primo Basílio* apresenta traços de melancolia por consequência da culpa de ter traído seu marido e pela dor de ter perdido o amante.

Partindo desse dilema vivido por Luisa em ter que coibir seus desejos em detrimento da norma social, buscaremos mostrar como os desejos sexuais reprimidos fizeram com que ela se tornasse uma pessoa melancólica. Para análise da obra literária utilizamos os estudos de Nasio (2007) sobre *A dor de amar*, uma vez que Luísa também desencadeia a melancolia após a perda do objeto amado. Ainda tivemos como suporte teórico os conceitos de *id, ego e superego* que compõem a segunda teoria do aparelho psíquico elaborada por Freud (1917).

Para alcançar os objetivos propostos, esse estudo será dividido em dois capítulos. Inicialmente abordamos a respeito da relação entre Literatura e a Psicanálise, destacando assim a importância dessa relação para o entendimento dos conflitos da psique humana. Em seguida apresentamos de forma sucinta alguns conceitos e ideias da teoria psicanalítica

desenvolvida por Freud, dando ênfase ao conceito de inconsciente, pois ele é de grande relevância para a compreensão do enigma da mente humana.

Ainda neste capítulo temos uma discussão sobre a dor da perda do objeto amado a partir dos estudos do psicanalista J. D. Nasio (2007). Também tomamos como ponto de referência o texto de Freud *Luto e melancolia*. Para ele no melancólico “o ego se degrada e se enfurece contra si mesmo, e compreendemos tão pouco quanto o paciente a que é que isso pode levar e como pode modificar-se”. (FREUD, 1917, p. 262).

No segundo capítulo temos algumas considerações sobre o livro *O primo Basílio*, sobre o autor Eça de Queirós e sobre o realismo, escola literária a qual o livro pertence. Apresentamos neste mesmo capítulo uma análise da obra a fim de compreender a melancolia em consequência da autopunição e resultante também da dor de amar. Buscaremos analisar ainda, os conflitos sexuais e sociais vivenciados pela protagonista Luísa, enfatizando o embate entre as pulsões sexuais e os valores morais impostos pela sociedade.

## **CAPÍTULO I**

### **PSICANÁLISE E MELANCOLIA: UM DIÁLOGO COM A LITERATURA**

## 1.1.Sigmund Freud e a Psicanálise

Neste presente capítulo faremos algumas considerações teóricas à luz da Psicanálise, enfatizando os conceitos e elaborações psicanalíticas relacionadas com a temática em estudo: *inconsciente, instâncias do aparelho mental, melancolia, dor de amar*. As abordagens dessas questões teóricas nortearão nossas análises em relação a melancolia vivenciada pela personagem Luísa no romance *O primo Basílio* de Eça de Queirós.

Na passagem do século XIX para o XX, Sigmund Freud desenvolveu um estudo que revolucionou o pensamento científico criando um novo paradigma sobre os processos emblemáticos do psiquismo e suas regiões obscuras. Essa sua pesquisa culminou na formação de um novo campo de estudo denominado de Psicanálise. Freud (1856-1939) se formou em medicina na Universidade de Viena no ano de 1881, tendo se especializado em Psiquiatria além de trabalhar por algum tempo no laboratório de Fisiologia e dar aulas de Neuropatologia nesse mesmo Instituto. Começou também a atender pessoas que sofriam de problemas mentais. Já no final de sua residência médica, ganhou uma bolsa de estudos para estudar em Paris onde conheceu o psiquiatra Jean Charcot, que se utilizava da hipnose na tentativa de compreender as causas da histeria. No ano de 1886, retornou para Viena e volta a clinicar e a tratar dos problemas nervosos dos seus pacientes utilizando o método da hipnose.

Além das contribuições de Charcot, Freud também recebeu contribuições significativas do médico e cientista Josef Breuer que o ajudou a dar continuidade as suas investigações e foi fundamental no desenvolvimento da psicanálise. Freud, em *Um estudo autobiográfico*, explica essa relação de amizade entre ele e Breuer.

Enquanto ainda trabalhava no laboratório de Brucke, eu tratava conhecimento com o Dr. Josef Breuer, que era um dos médicos de família mais respeitados de Viena, mas que também possuía um passado científico [...]. Era um homem de notável inteligência e quatorze anos mais velho que eu. Nessa relação só eu naturalmente tive a ganhar. O desenvolvimento da psicanálise, depois, veio a custar-me sua amizade. Não me foi fácil pagar tal preço, mas não pude fugir a isso. (1925-1926, p. 31).

Foi a partir daí que Freud tomou conhecimento do caso da paciente de Breuer, Ana O, que apresentava um quadro de sintomas físicos e psíquicos tais como: paralisia, inibições e confusão no pensamento.

Esses sintomas começaram a se manifestar na época em que Ana O cuidava de seu pai enfermo. Nesse período ela despertava sentimentos estranhos, tais como o desejo que seu pai morresse. Esses sentimentos se transformaram em desejos reprimidos e foram substituídos

pelos sintomas que ela apresentava. Isso foi descoberto nas consultas, sob efeito da hipnose a paciente Ana O relatava a causa de cada um deles, todos eles estavam ligados a momento anteriores da vida. Os sintomas da paciente foram aliviados à medida que havia a liberação das reações emotivas que se associavam ao acontecimento traumático, ou seja, a doença do pai e o desejo que ela tinha no inconsciente que ele morresse.

Breuer deu a esse tratamento o nome de método catártico, que levava o paciente a fazer a liberação de afetos desagradáveis que no momento da vivência não havia sido liberado. Portanto, para Freud a dor precisa “falar”, ou seja, precisa ser colocada para fora e na medida em que isso acontece o indivíduo consegue se libertar dela e dos traumas causados por ela. Em *Um estudo autobiográfico*, Freud comenta a respeito desse tratamento e relata que “por esse processo Breuer conseguiu, após longos e penosos esforços, aliviar a paciente de todos os seus sintomas”. (1925-1926, p.33).

Como já vimos anteriormente Breuer era para Freud um grande amigo, por isso ele sofreu tanto quando em 1896 eles tiveram um rompimento. O motivo teria sido a diferença de ideias entre os dois, pois, Freud tinha interesse em Psicologia e pela futura Psicanálise, além disso defendia a sexualidade infantil como determinante das neuroses. Breuer divergia dele nesse aspecto e tinha seus estudos direcionados para fisiologia. A esse respeito Freud descreveu no seu livro *Um estudo auto biográfico*:

Tinham-se verificado divergências de opiniões entre nós numa fase bem inicial, mas não haviam constituído uma base para o nosso afastamento. Ao responder à pergunta sobre quando é que um processo mental se torna patogênico – isto é, quando é que se torna impossível lidar com ele normalmente-, Breuer preferiu o que poderia ser chamado de teoria fisiológica: julgava ele que os processos que não podiam encontrar um resultado normal era aqueles que se haviam originado durante estados mentais “hipnóides” inusitados. [...] Eu, por outro lado, estava inclinada a suspeitar da existência de uma ação mútua de forças e da atuação de interações e propósitos como os que devem ser observados na vida normal. Era assim um caso de “histeria hipnóide” versus “neuroses de defesas”. (1925-1926, p. 31).

Além disso, existiram outras divergências entre eles que resultaram nessa separação, como a falta de tempo de Breuer devido sua atuação como clínico e médico de família, o que conseqüentemente ocupava parte do seu tempo. Por outro lado, Freud dedicava todas as suas forças para o trabalho com a catarse. Breuer se viu também atingido pela má recepção que teve o livro que ele publicou junto com Freud, sua autoconfiança e os poderes de resistências não estavam totalmente desenvolvidos como o resto de sua organização mental.

## 1.2. Sigmund Freud e o Fascínio pela Literatura

Sigmund Freud era fascinado pela literatura, pois ele percebeu a relação existente entre a teoria psicanalítica e o campo literário. Para ele era importante o diálogo entre Literatura e Psicanálise, justamente por encontrar elementos nos textos literários que representavam os dramas humanos. “Freud encontrava na literatura elementos muito mais significativos e elucidativos dos dramas humanos e do sofrimento psíquico do que encontraria nos diagnósticos localizados e nos eletroprognósticos”. (SOUZA E ENZO, 2010, p. 52).

A separação entre Freud e Breuer, como vimos anteriormente, resultou na aproximação entre Freud e Wilhelm Fliess no período entre 1887 a 1904, juntos criaram um dos documentos mais importantes da Psicanálise que foi publicado como *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, que teria sido organizada por Jeffrey Masson.

É fato que em Wilhelm Fliess, Freud encontrou um grande aliado que lhe compreendia, pois ambos comungavam do mesmo ideal na relação entre a Literatura e a Psicanálise, isto é, defendiam que a Literatura era uma ferramenta crucial para o aprofundamento da Psicanálise, como aponta Souza e Endo:

Esse parentesco da psicanálise com a literatura revela um dos avatares da ciência psicanalítica. O interesse pela produção subjetiva, singular, única e não repetível, cuja riqueza extraordinária só é acessível por via do exercício da linguagem e da experiência alteritária, abre novas perspectivas de pesquisas sobre o sofrimento humano. (2010, p. 45).

Nessa perspectiva, é interessante ressaltar que Freud não se interessava exclusivamente pela Literatura em si como algo isolado e que ela por si só fosse algo indispensável para elaboração dos conceitos psicanalíticos. Se assim fosse, Freud estaria sendo mais um literário do que um psicanalista. Mas, o teórico percebeu que alguns elementos na Literatura ressoavam nos conceitos das teorias psicanalíticas e esse diálogo aberto entre esses dois campos era algo que o interessava. Ele teria constatado que os autores de obras literárias já sabiam o que ele descobriu.

Os autores literários são valiosos colegas, e seu testemunho deve ser levado em alta conta, porque têm como conhecer muitas coisas entre o céu e a terra que não são sonhadas em nossa filosofia. No conhecimento do coração humano estão muito adiante de nós, pessoas comuns. Porque se valem de fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD *apud* SOUZA e ENZO, 2010, p. 52-53).

Freud se apoiou nos textos literários por se identificar com eles, psicanalizando os escritores e por encontrar também nos personagens modelos perfeitos da sintomatologia neurótica. Frambach (2010, p. 10) explica que para Freud, “o escritor da mesma forma que a criança, cria fantasias, nas quais investe energia sexual [...]. O artista ao contrário dos outros, consegue, pela via da sublimação, dar vazão as suas fantasias, através da imaginação que se faz escrita”. Segundo Freud, os textos literários são muito importantes para o entendimento da Psicanálise e seria fundamental também para a compreensão da teoria do *inconsciente*.

É com base nessas elucidações acerca da relação entre esses dois campos do saber que inserimos esse estudo, na perspectiva de compreender a partir da Psicanálise, os transtornos psíquicos vivenciados pela personagem Luísa no romance de Eça de Queirós: *O primo Basílio*. Buscaremos assim, entendimento na teoria psicanalítica no que diz respeito à melancolia da personagem. Melancolia que resulta da perda de um amor proibido, da sensação de culpa e autopunição por ter quebrado as regras sociais e desrespeitado moral da época.

### **1.3 A descoberta do inconsciente e da sexualidade infantil**

Freud no decorrer dos seus atendimentos abandonou as perguntas no trabalho terapêutico e deixava seus pacientes livres para falar o que sentiam. Ao fazer isso ele percebeu que as pessoas ficavam envergonhadas com alguns fatos que lhes haviam ocorrido e que no momento da terapia eram expostos. Esse processo que se opunha a tornar consciente um pensamento insuportável e doloroso é chamado na teoria freudiana de *resistência*. Freud denominou de *repressão* o processo psíquico que tem como objetivo ocultar alguma ideia que lhe seja dolorosa e que cause desprazer ao indivíduo. Como nos explica Roudinesco e Plon: “em psicanálise, a repressão é uma operação psíquica que tende a suprir conscientemente uma ideia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável”. (1998, p. 659).

Quando Freud investigou as causas das neuroses, ele chegou cada vez mais perto dos conflitos entre os impulsos sexuais do indivíduo e de suas resistências à sexualidade. No seu livro *Um estudo autobiográfico*, ele mesmo explica esse processo: “Em minha busca das situações patogênicas, nas quais os sintomas, como substitutos do que foi reprimido, tinham tido sua origem, fui levado cada vez mais de volta à vida do paciente e terminei chegando aos primeiros anos de sua infância”. (1925-1926, p. 46). Freud observou em seus estudos que as



causas das neuroses e dos desejos reprimidos estavam ligadas a conflitos de ordem sexual que ocorriam nos primeiros anos de vida, ou seja, na infância. Mas uma vez, ao relatar isso ele enfrenta um grande preconceito, pois a infância era vista como uma fase de pureza, de inocência e isenta dos desejos sexuais. Com isso, segundo o teórico, não se tinha ideia que se começava bem antes da puberdade a luta contra “o demônio da sensualidade”. (FREUD, 1925-1926, p. 46).

Nas palavras do psicanalista podemos entender melhor:

Tais atividades sexuais ocasionais, conforme tinha sido impossível desprezar nas crianças, eram postas de lado como indícios de degenerescência ou de depravação prematura, ou como curiosa aberração da natureza. Poucos dos achados da psicanálise tiveram tanta contestação universal ou despertaram tamanha exploração de indignação como a afirmativa de que a função sexual se inicia no começo da vida e revela sua presença por importantes indícios mesmo na infância. E contudo nenhum outro achado da análise pode ser demonstrado de maneira tão fácil e completa. (FREUD, 1925-1926, p. 46-47).

Ao elaborar a *Teoria Sexual*, Freud desvinculou a sexualidade - até então naturalizada organicamente e moralizada culturalmente na forma de *instinto reprodutivo* - da genitalidade. Essa ruptura foi trabalhosa e levou Freud a erigir um novo arsenal conceitual para explicar, entre outros fatos humanos, a sexualidade infantil na determinação dos destinos do indivíduo e da cultura. Segundo ele, a criança atravessa uma série de fases de desenvolvimento psicosexual. Essas fases representam diferentes formas de gratificar os impulsos sexuais, e é a maturação física a responsável pela sequência de zonas erógenas e de estágios correspondentes.

Quando nascemos, a região do corpo que se encontra em maior evidência é a região bucal. A boca é responsável pela nutrição do recém-nascido, o que é uma atividade biológica. Mas, segundo Freud, a boca também torna-se um órgão que viabiliza prazer, um órgão que dá vazão a energia sexual e portanto ele denominou essa fase de zona oral.

A criança posteriormente passa pela *fase anal* (a zona de erotização é o ânus), *fase fálica* (zona de erotização é o órgão sexual). Em seguida, acontece o período de latência que se estende até a puberdade, fase que é caracterizada por uma canalização das atividades sexuais para atividades de socialização da criança. Na puberdade vem à última fase: a *fase genital* (o objeto de erotização ou de desejo não está mais no seu próprio corpo, mas em algo externo ao indivíduo, o outro).

É no decorrer dessas fases que ocorrem vários processos, entre eles destaca-se o *complexo de Édipo* que ocorre na fase fálica. É nesse complexo que, segundo Freud, ocorre a

estruturação da vida psíquica do indivíduo. No complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino e o pai se torna uma espécie de rival, pois é ele que impede seu acesso ao objeto desejado. Ele procura então se identificar com o pai, para que assim tenha a mãe, imitando seu comportamento. A partir deste ponto o menino passa a internalizar as regras e as normas sociais impostas pela autoridade do pai. O complexo de Édipo é o herdeiro do superego, pois ao internalizar as regras sociais, o superego se instaura como um guardião da moral.

Posteriormente, o medo de ser castrado pelo pai faz com que o garoto reprima o amor pela mãe, que na idade adulta vai ser substituído pela pessoa que ele vai amar. Passando desse processo o menino pode viver em sociedade, pois tem as regras básicas internalizadas aprendidas com o pai. Esse processo acontece também com as meninas, o qual Freud chamou de Édipo feminino, nesse processo acontece o mesmo só que com a figura de desejo e de identificação invertidas.

Portanto, segundo Freud, esses processos estariam localizados em um sistema do aparelho psíquicos que é regido por leis próprias e é atemporal, ou seja, que não tem noção de tempo passado ou de tempo presente, o qual ele denominou de *inconsciente*. Em *A dissecção da personalidade psíquica*, Freud explica que:

Chamamos de inconsciente um processo psíquico cuja existência temos de supor, por que inferimos, digamos, de seus efeitos, mas do que nada sabemos. [...] Para sermos ainda mais precisos, modificaremos da seguinte forma o Enunciado: chamamos um processo inconsciente quando temos de supor que no momento ele está ativado, embora no momento nada saibamos dele. (1930-1936, p. 210).

Com a descoberta do inconsciente, Freud revoluciona a concepção de homem: o eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa. Com isso ele afetou a imagem que o homem tinha de si mesmo, como sendo um ser consciente e capaz de agir tendo a razão como norteadora de suas ações. “O inconsciente segundo Freud, tem a particularidade de ser ao mesmo tempo interno ao sujeito (e a sua consciência) e externo a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente”. (ROUDINESCO E PLON 1998, p. 375).

#### **1.4. Freud e as teorias do aparelho psíquico**

No seu livro *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud divide o aparelho psíquico em três sistemas, quais sejam: o *consciente*, o *pré-consciente* e o *inconsciente*. O consciente é uma instância psíquica, que recebe as informações tanto do mundo externo como interno. Segundo ele, o consciente é apenas uma pequena parte da mente, abrange tudo o que estamos

ciente num dado momento. Freud se interessava mais com as áreas da consciência que são menos expostas e que eram menos exploradas, na qual ele denominou de *pré-consciente* e *inconsciente*. O pré-consciente é uma parte do inconsciente, que pode se tornar consciente com mais facilidade, ou seja, as coisas que são facilmente lembradas por nós, fazem parte do pré-consciente. De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 597). “o pré-consciente age como um protetor do consciente: faz triagens e seleciona, com a finalidade de afastar as noções desagradáveis que possam importunar o consciente”.

No inconsciente ficam os instintos que não são acessíveis à consciência, há também nesse processo materiais que foram excluídos da consciência, reprimidos e censurados, isso não significa que o material foi esquecido e nem perdido, apenas não lhe é permitido ser lembrado.

Podemos ir além e afirmar, em apoio da existência de um estado psíquico inconsciente, que, em um dado momento qualquer, o conteúdo da consciência é muito pequeno, de modo que a maior parte do que chamamos conhecimento consciente deve permanecer, por considerável período de tempo, num estado de latência, isto é, deve estar psiquicamente inconsciente. Quando todas as nossas lembranças latentes são levadas em consideração, fica totalmente incompreensível que a existência do inconsciente possa ser negada. (FREUD, 1856-1939, p. 172).

Portanto, a maior parte da consciência é inconsciente. E no inconsciente estão presentes os determinantes da personalidade do indivíduo, as pulsões e seus instintos. O inconsciente foi uma das maiores descobertas de Freud, segundo ele, nesse sistema estão os conteúdos ausentes da consciência e do pré-consciente, tudo o que foi reprimido devido à censura internas é mandados para o inconsciente.

Freud, a partir das observações em seus pacientes, começou a se questionar por que fatos importantes da vida das pessoas eram esquecidos por elas. Com isso, ele percebeu que tudo que caía no esquecimento era doloroso. Entretanto, esses esquecimentos não estavam sempre ligados a coisas negativas, pelo contrário, coisas positivas eram esquecidas também, por exemplo, algo que o indivíduo perdeu e que fora muito desejado por ele, pode causar um grande sofrimento.

Ele concluiu que o inconsciente só pode ser acessado quando é transformado em algo consciente, ou seja, os conteúdos armazenados no inconsciente aparecem distorcidos na consciência. Para ele isso só seria possível através de alguns mecanismos como: lapsos, atos falhos, sonhos, sintomas, chistes e na produção artística. No tratamento analítico também o paciente é instigado a vencer as resistências e, num processo lento ir tendo acesso aos conteúdos reprimidos do inconsciente.

Posteriormente a elaboração da primeira teoria, Freud amplia seu estudo sobre o psiquismo humano elaborando uma segunda teoria do aparelho psíquico. Foi a partir do seu trabalho intitulado de *O Ego e o Id* (1923-1925), que ele implantou o modelo estrutural também chamado de dinâmica do aparelho psíquico. Nesse trabalho o psicanalista dividiu o psiquismo em três instâncias referentes ao sistema da personalidade, sendo elas: o *id*, o *ego*, e o *superego*. O *id* é onde se localizam as pulsões e os desejos inconscientes; o *ego* é o sistema que mantém o equilíbrio entre as exigências do *id* e onde se encontram as ideias, a razão, os sentimentos, os pensamentos do indivíduo; o *superego* é o responsável pela moral, ou seja, ele se refere a exigências da sociedade.

O *id* é a fonte de energia psíquica é o lugar onde estão localizadas as pulsões de vida e de morte. É regido pelo princípio do prazer. Uma região desprovidas de valores onde o caos e a desordem prevalecem nesse espaço, não havendo distinção entre o bem e o mal, o certo e o errado, ou seja, os elementos que configuram a moralidade simplesmente não existem. O *id* é uma terra sem lei onde o que prevalece são os instintos que impulsionam o organismo, é a estrutura primitiva da personalidade. O *Id* busca sempre o que produz prazer, ou seja, impulsiona o ser humano buscar prazer na vida e fugir sempre de tudo que representa dor e sofrimento.

Freud afirmou sobre o *id*:

Ele é a parte obscura e inacessível da personalidade [...] aproximamo-nos do *id* com analogias, chamamo-lo um caos, um caldeirão cheio de excitações fervilhantes. Nós o representamos como sendo aberto em direção ao somático na extremidade, ali acolhendo as necessidades dos instintos, que nele acham expressões psíquicas, mas não sabemos dizer em qual substrato. A partir dos instintos ele se enche de energia, mas não tem organização, não introduz uma vontade geral, apenas o esforço de satisfazer as necessidades do instinto observando o princípio do prazer. (FREUD, 1930-1936, p. 215).

O *ego* estabelece equilíbrio entre as exigências do *id* e as ordens do *superego*. Ou seja, age como um mediador procurando dá conta dos interesses do indivíduo. Com uma difícil tarefa de manter a sanidade da personalidade com saúde e segurança e ao mesmo tempo amortecer as tensões e propiciar o prazer. É o administrador que deve dar conta de controlar os impulsos que a todo o momento são lançados pelo *Id*, tornando esses impulsos aceitáveis as normas dos padrões sociais, o que deixará satisfeito o *superego*.

Desse modo, impelido pelo *Id*, constringido pelo *Superego*, rechaçado pela realidade, o *Ego* luta para levar a cabo suas tarefas econômicas de estabelecer a harmonia entre as forças e influências que atuam nele e sobre ele, e compreendemos

por que tantas vezes não podemos suprir a exclamação “A vida não é fácil”. Se o Ego é obrigado a admitir sua fraqueza, ele irrompe em angústia: angústia realista ante o mundo externo, a angústia de consciência entre o Superego, angústia neurótica ante a força das paixões do Id. (FREUD, 1930-1936, p. 221).

Com base nessa citação, entendemos que o *Ego* é quem estabelece o equilíbrio entre as pulsões do *Id* e as exigências do *Superego* e do mundo exterior, ou seja, o *Ego* procura dar conta dos interesses do indivíduo. Ele representa a razão ou a racionalidade. Freud em sua *Dissertação da personalidade psíquica* (1930-1936) diferenciou esses dois sistemas da seguinte forma: “o ego representa na vida psíquica, a razão e a prudência, e o id, as paixões irrefreadas” (p. 119).

O *Superego* representa os valores, o princípio da moralidade de uma determinada sociedade, ou seja, é a força moral da personalidade. Existe uma dinamicidade entre o id, ego e superego que a todo o momento eles estão interagindo, produzindo conflitos de forma que o indivíduo fica entre seguir seus instintos ou a moral. Esse conflito ocorre porque como vimos anteriormente, a função do superego é “zelar” pela moral do indivíduo. Segundo Freud a vida em sociedade só é possível porque existe o Superego. Isso porque essa instância age como uma polícia interna, despertando no indivíduo caso ela desobedeça os seus comandos, sentimentos de culpa, remorso, vergonha e desejo de autopunição. Indo mais além, o teórico afirma que “o preço que pagamos por nosso avanço na civilização é a perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa”. (FREUD, 1976, p. 158).

Outro tema abordado pela Psicanálise, diz respeito ao sofrimento psíquico relacionado à dor de amar. Nesse sentido conduziremos nosso olhar para Freud e para outros psicanalistas que se debruçaram sobre essa temática destacando que um dos maiores sofrimentos do ser humano é oriundo das relações que ele estabelece com outros seres humanos.

### **1.5. Amar é sofrer? Os labirintos da dor de amar**

Juan-David Nasio, no seu livro *A dor de amar*, faz uma análise a respeito da dor a fim de compreender porque sofremos tanto quando passamos pelo processo de separação causado pela morte de um ente querido. Nessa perspectiva o autor procura esclarecer quais são os mecanismos que estão envolvidos na dor psíquica, ou seja, a dor que nos afeta quando somos submetidos a uma separação, podendo ser causada por um *abandono*, por uma *humilhação* ou *mutilação*.

Ela também pode ser dor de abandono, quando o amado nos retira subitamente o seu amor; de humilhação, quando somos profundamente feridos no nosso amor próprio; e dor de mutilação, quando perdemos uma parte do nosso próprio corpo. Todas essas dores são, em diversos graus, dores provocadas pela amputação brutal do objeto amado, ao qual estávamos tão intensa e permanentemente ligados que ele regulava a harmonia do nosso psiquismo. (NASIO, 2007, p. 21).

Segundo o autor, a existência de laços que unem duas ou mais pessoas no sentido de haver uma dependência mútua umas das outras, se chama amor. Portanto, só existe a dor se existir também o amor. Nasio acredita que “quando uma dor aparece, podemos acreditar, estamos atravessando um liminar, passando por uma prova irreversível”. (NASIO, 2007, p. 20). Ou seja, a prova de uma separação de um objeto ao qual amamos e estamos intimamente ligados.

Segundo Freud, cada indivíduo possui uma certa energia que o capacita a amar, a qual ele denominou de libido. Nas palavras do teórico “a libido é a energia dos instintos sexuais” (FREUD, 1925-1926, p. 49). Ela é voltada para os objetos que tomamos para o eu, assim sendo, quando nosso objeto amado é perdido nossa libido volta a ser livre novamente. Ele afirma não compreender por que esse processo de separação da libido de seus objetos é tão doloroso, vê somente que o indivíduo não quer renunciar ao objeto amado perdido, agarrando-se ainda mais a ele.

Nasio acrescenta que o surgimento de uma dor causada pela perda do objeto amado transtorna-nos e ao mesmo instante obriga-nos a um processo de reconstrução. A dor psíquica segundo ele pode ser fruto da dor da separação de um objeto amado ao qual estamos inteiramente ligados.

O teórico se deteve a analisar a dor psíquica por justamente constatar que até mesmo os grandes nomes da Psicanálise raramente abordaram esse tema. Assim ele tenta explicar a metapsicologia da dor, “uma metapsicologia por que é a única abordagem teórica satisfatória para explicar detalhadamente o mecanismo de formação da dor psíquica”. (NASIO, 2007, p. 22).

A dor é estudada por Nasio sobre três categorias, enquanto *afeto*, *sintoma* e *perversão*. Para ele a dor é antes de tudo um afeto, ela é o que comprova que estamos vivos e que somos capazes de nos recuperar do que estamos passando. Assim enquanto existir dor, teremos forças para lutar e viver.

Para o referido autor, a dor surge como um afeto que é provocado pela auto percepção que o eu tem do tumulto interno causado pela perda do objeto amado. No entanto, a dor pode

ser definida como sendo a desorientação que sentimos quando somos surpreendidos pela perda de um ente querido.

A segunda categoria psicanalítica analisada por ele é a dor considerada como sintoma, ou seja, a dor física. O autor explica esse aspecto:

Penso nessas enxaquecas históricas, persistentes, flutuantes ao sabor de situação afetivas e sem causa detectável. Pois bem, diremos que a enxaqueca é um sintoma, isto é, uma sensação dolorosa que traduz uma comoção recalçada no inconsciente. Incluo nesse conjunto todas as dores psicogênicas. (NASIO, 2007, p. 24).

A terceira e última categoria referente à dor, é a perversão. Que corresponde a dor como objeto de prazer, em outras palavras é o que conceituamos como o perverso sadomasoquista. Segundo o teórico, a dor é causada justamente por que o eu percebe dentro de si as variações das pulsões internas e é capaz de reproduzir para a consciência em forma de afeto. Sendo assim, o eu age como um intérprete traduzindo o que acontece no interior do indivíduo e transportando para o exterior na linguagem dos sentimentos.

De acordo com Nasio, diferente da dor corporal que é causada por algum ferimento, a dor psíquica é causada pela ruptura dos laços entre o objeto amado e aquele que o ama. O referido autor afirma:

A dor de amar como afeto que resulta na ruptura brutal do laço que nos liga ao ser ou à coisa amados. Essa ruptura, violenta e súbita, suscita imediatamente um sofrimento interior, vivido como um dilaceramento da alma, como um grito mudo que jorra das entranhas. (NASIO, 2007, p. 24).

Baseando-nos nas palavras do autor entendemos que a ruptura de um laço amoroso provoca no indivíduo um estado de choque, que é bem parecido com o que é causado por uma agressão física. O eu age nesse processo com a função de apaziguar a dor, mantendo viva a imagem mental do objeto desaparecido, ou seja, o eu tenta dessa forma compensar a ausência do outro perdido com sua imagem.

Na dor mental, percebemos uma reação que ocorre em via dupla, isto é, após a perda do objeto amado o eu vai gradativamente desinvestindo as representações do amado, que não existe mais, até que deixe de ser uma fonte e dor para o eu. Segundo Nasio “esse fenômeno pode ser tão doloroso quanto a contração de um ponto”. (NASIO, 2007, p. 39). Passando por essa fase, o eu chega ao ponto de conformação, ou pelo menos de aceitação que o objeto amado não existe mais.

Na hipótese de não ocorrer esse processo de superação, o eu passa a sofrer um estado de luto crônico, ou seja, a vida da pessoa enlutada permanece parada podendo ficar num luto constante. Nasio (2007, p. 14) postula que “[...] o luto é uma revirada do investimento efetivo da representação psíquica do objeto amado e perdido. O luto é um processo de desamor. É um trabalho lento, detalhado e penoso. Pode durar dias, semanas e até meses. Ou ainda toda uma vida”.

Assim de acordo o autor, o luto é um caminho cujo percurso é longo, tendo seu início na perda do objeto amado e termina com a aceitação da realidade que a ausência do outro é definitiva, isso nem sempre é uma coisa fácil como afirma Freud, “a tarefa... pode não ser cumprida imediatamente. Efetivamente, ela é cumprida em detalhes, com um grande gasto de tempo e de energia de investimento” (FREUD *apud* NASIO, 2007, p. 141). Sendo assim, Freud e Nasio consideram o trabalho do luto doloroso, porque o mesmo exige que nos separemos definitivamente do objeto amado, pois ele não existe mais. O luto, portanto, leva a pessoa a renunciar ao objeto declarando-o morto, desvalorizando-o.

Para Nasio, o processo de luto se torna doloroso porque o amado é considerado pelo indivíduo como insubstituível, não o sendo exatamente, uma vez que somos nós que lhe atribuímos o valor de ser único.

Compreende-se dessa forma por que sofremos quando o eleito morre. Com ele morreram as insatisfações cotidianas e toleráveis dos meus desejos, o que me deixa desamparado, sem norte para orientar o meu desejo. O que a morte do amado acarreta de essencial é a morte de um limite. A perda do meu amado é também a perda do meu senhor. Assim, o trabalho do luto é a reconstrução de um novo limite. (NASIO, 2007, p. 82).

Sendo assim, durante todo o processo de elaboração do luto, há a convicção de que ninguém poderá substituir o amado, o que não é verdade, pois com o passar dos tempos o estado de luto passará e assim outras pessoas virão a ocupar o lugar do ser amado que se foi.

Estar de luto é justamente isso, aprender a conviver com a ausência da pessoa querida. Segundo Nasio, a dor surge sempre que a imagem do outro é reanimada e quando nos lembramos da evidência de sua ausência. Portanto, continuar a amar a pessoa perdida certamente nos fará sofrer, esse sofrimento pode causar também calma, pois faz com que o eu reviva as lembranças do objeto perdido. Com relação ao luto patológico, Nasio destaca que “a sobrecarga efetiva se cristalizou para sempre na representação psíquica do amado perdido, como se quiséssemos tentar em vão ressuscitá-lo” (NASIO, 2007, p. 88). O luto patológico é o amor centrado em torno da imagem do objeto perdido. Dessa forma ele se torna um



fenômeno incompreensível que é causado pelo afastamento forçado do objeto amado que não existe mais.

### 1.6. A melancolia provocada pela dor de amar e pela autopunição

Sigmund Freud publicou em 1917, o texto intitulado *Luto e Melancolia*, que foi muito importante, pois trouxe contribuições significativas para os estudos sobre a melancolia. Freud busca nesse texto mostrar as semelhanças e diferenças entre o luto e a melancolia, para ele ambos estão ligados à perda do objeto amado podendo ser uma pessoa, uma crença, um ideal dentre outros.

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuam uma disposição patológica. (FREUD, 1917, p. 249).

Portanto, existem algumas características iguais no luto e na melancolia, uma vez que os dois são causadores do sofrimento, da incapacidade de amar, da inibição de todas ou de qualquer atividade, da falta de interesse em tudo que não seja referente ao objeto amado.

No entanto, existem algumas diferenças entre o luto e a melancolia, por exemplo, o melancólico apresenta um quadro de autorrecriminação, baixa autoestima e o desejo inconsciente de punição que são ausentes no luto. Outra diferença existente entre os dois é que no luto se trata apenas da perda do objeto amado, já na melancolia a perda do objeto resulta na perda de uma parte do eu. Segundo Freud, “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego”. (FREUD, 1917, p. 251). Felipe Castelo Branco comenta ainda:

[...] Podemos pensar a melancolia neste texto a partir da combinação de três pontos: a perda do objeto – não sendo suficiente como explicação uma vez que o enlutado também sofre a perda – uma falha na identificação – que está na origem do esvaziamento do eu, servindo às suas auto-acusações, e que ganhará gradativamente um espaço de paradigma melancólico na obra freudiana. (BRANCO *apud* FRAMBACH, 2010, p. 34).

Para Freud, o luto profundo desencadeia no indivíduo a perda do interesse pelo mundo externo, ou seja, acarreta na falta de interesse em tudo que não esteja ligado ao objeto perdido. Há também a grande dificuldade em adotar um novo objeto de amor. O teórico destaca que apesar do luto ser associado ao sentimento de perda, ele não deve estar obrigatoriamente

ligado a morte. “O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor”. (FREUD, 1917, p. 251).

Portanto, o luto está totalmente relacionado com a perda, não havendo origem patológica, pois espera-se que ele seja superado após um lapso de tempo caso a pessoa enlutada não consiga se recuperar. As características que ela irá apresentar se aproximará da melancolia. No luto normal, ocasionado pela perda de um ente querido, o indivíduo tem dificuldade em adotar um novo objeto de amor.

A superação do luto acontece aos poucos. O desligamento do objeto perdido ocorre através da retirada das lembranças daquele objeto. Isso segundo Freud não é uma tarefa fácil, uma vez que as pessoas não abandonam facilmente uma posição libidinal, entretanto, quando se conclui o trabalho de luto, o ego fica livre outra vez.

Em que consiste, portanto, o trabalho que o luto realiza? Não me parece forçado apresentá-lo da forma que se segue. O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. essa exigência provoca uma oposição compreensível – é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já lhes acena. É notável que esse penoso desprazer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, o fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido. (FREUD, 1917, p. 250- 251).

A melancolia também pode estar vinculada a perda do objeto amado, mas isso não significa que ele tenha necessariamente morrido, e sim que foi perdido enquanto objeto de amor. No melancólico “não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente perceber o que perdeu” (FREUD, 1917, p. 251). Para Freud, as autoacusações são na verdade recriminações feitas ao objeto amado, a libido desloca-se desse objeto para o ego do paciente.

Seguindo essa mesma linha de pesquisa Kristeva *apud* Santos (2000, p. 135) sinaliza que “devido a uma ruptura desencadeada por essa pessoa, a relação objetal é destroçada e há necessidade de a libido deslocar-se para um novo objeto e este objeto passa a ser o ego. Este, por sua vez, é identificado com o objeto abandonado”.

Na melancolia, o indivíduo não consegue identificar exatamente o que ele perdeu, mesmo que esteja convicto do que tenha perdido. Para Freud, “isso sugeria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda” (FREUD, 1917, p. 251).

Para Kristeva *apud* Santos “o estágio melancólico assinalaria que o sujeito não sabe perder. Assim qualquer perda acarretaria a perda do próprio Ser [...] a melancolia apoiar-se-ia, então, numa intolerância à perda da coisa e na falência da linguagem” (2000, p. 42). Acredita então, esta autora, que a melancolia está totalmente ligada à perda, podendo ela ser causadora do empobrecimento do próprio Ego.

Para Freud, a tendência a adoecer de melancolia (ou parte dessa tendência) reside na predominância do tipo narcisista da escolha objetual. A melancolia está diretamente ligada ao narcisismo, pois, o empobrecimento do eu leva a incorporação de algumas características do objeto perdido. Portanto, a construção do eu melancólico está sujeito à imagem do outro, ou seja, ao objeto amado.

Tendo como alicerce teórico esses conceitos discorridos nos itens anteriores, traremos no próximo capítulo uma análise da obra *O Primo Basílio* de Eça de Queirós, a respeito da melancolia da personagem Luísa que supostamente está relacionada à perda do objeto amado e ao sentimento de culpa por ter traído o marido.

**CAPÍTULO II**  
**LUÍSA SOB O VÉU DA MELANCOLIA**

## 2.1. Realismo Português: Eça de Queirós e a Literatura

O Realismo europeu escola literária em que o livro em análise está inserido, iniciou-se em 1865. De acordo com Massaud Moises:

O realismo em Portugal deu origem à única geração literária que merece este nome além-Atlântico. E fora única, notabilizou-se por reunir uma plêiade de homens superiores e talentosos como jamais houve antes ou depois na história da literatura portuguesa. (MOISÉS, 2004, p. 323).

Na segunda fase da revolução industrial a Europa se encontrava em uma etapa de transformações sendo elas econômicas políticas e sociais. Sendo assim a burguesia desfrutava do poder e a classe proletária estava submissa e inferiorizada.

Sobretudo, os operários sobre influência das ideias socialistas, organizaram uma associação para exigirem melhor condição de trabalho. “Com o despertar da consciência de classe do proletariado, por volta de 1830, inicia-se a separação das duas classes. A teoria do socialismo começa a se estruturar e, paralelamente, surge um movimento artístico atividade que põe em crise, por primeira vez, a arte pela arte, e exige utilidade social da manifestação artística”. (CADEMARTORI, 1993, p. 45).

Em meio a tantas transformações ocorridas no pensamento científico e social, a sociedade europeia adota uma nova postura diante daquela realidade. Essas transformações vieram a repercutir nas artes, levando os artistas que eram orientados pelo movimento romântico a adotarem outros princípios. É nesse contexto que surge o Realismo, cuja característica é a retratação da realidade que a sociedade vivia naquela época. Lígia Cademartori (1993) traz a seguinte definição para o realismo:

O que caracteriza o período é a vitória da concepção de mundo própria das ciências naturais e do pensamento racionalista e tecnológico sobre o idealismo e a tradição romântica. Por decorrência, a literatura deriva seus critérios para a construção de um mundo ficcional regido pela probabilidade científica. A verdade psicológica das personagens baseia-se no princípio de causalidade; a criação do ambiente apoia-se no princípio de que tudo que ocorre é determinado por condições e motivos e que a carreta observação depende da atenção dado aos pormenores, tal como faz o cientista natural. (CADEMARTORI, 1993, p. 46-47).

Um dos ficcionistas que se destacaram nessa época foi Eça de Queirós. José Maria Eça de Queirós nasceu na cidade de Póvoa de Varzim, Portugal, em 25 de novembro de 1845 e morreu na França, mais exatamente na cidade de Paris no ano de 1900. Era filho de um

delegado e de uma camponesa, foi muito cedo enviado para um colégio interno e passou boa parte de sua vida lá. Mais tarde ingressou na universidade de Coimbra, onde foi formado em direito.

Sua vida de escritor começou no jornal do Distrito de Évora, onde ele mesmo produzia todos os artigos. Passando alguns meses, o jornal parou de circular devido sua natureza peculiar de hostilizar os meios políticos. Depois disso, Eça de Queirós entrou como jornalista no Diário de Notícias. De volta a Lisboa, o autor prestou concurso público no qual veio a passar em primeiro lugar, mas por motivos políticos foi impedido de assumir o cargo, com essa revolta escreveu muitos artigos violentos denunciando o caso ocorrido. Foi nomeado cônsul português em Havana, Cuba em 1873. Depois disso foi transferido para Newcastle, Inglaterra no ano de 1874 e ficou lá até 1888 e daí foi transferido novamente para Paris, onde permaneceu até sua morte.

Um dos livros de Eça de Queirós que foi bastante discutido no século XIX é *O Primo Basílio* que teve sua primeira publicação em 1878. Logo todos os exemplares foram esgotados, tendo assim uma segunda edição publicada no mesmo ano. O romance faz uma crítica à burguesia lisboeta, mais ainda ao ambiente familiar daquela época, o autor nos seus livros falava de temas polêmicos como o adultério e incesto no livro: *O Primo Basílio* (1878); crítica a igreja católica em: *O crime do Padre Amaro* (1878).

Através do romance *O primo Basílio*, Eça de Queirós faz duras críticas a família burguesa lisboeta. O autor retrata no seu livro, as polêmicas existentes na época. Apesar do autor falar mal do ambiente doméstico sua intenção não era atacar a família em si, a qual ele mesmo descreve como sendo uma “instituição divina”. Mas sim a família lisboeta que para ele merecia ser mostrada em suas faces “podres”. Na carta escrita por Eça de Queirós a seu amigo Teófilo Braga, ele explica melhor sua função como escritor:

Perfeitamente: mas eu não ataco a família – ataco a família lisboeta – a família lisboeta produto de namoro, reuniões desagradável de egoísmos que se contradizem, e mais tarde ou mais cedo centro de bambochata [...] a minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 e mostrar-lhe como num espelho, que triste país eles formam – eles e elas. É o meu fim nas cenas da vida portuguesa. É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações, que lhe dá uma sociedade podre. (QUEIRÓS, 2008, p. 371-372).

O adultério tema discutido no realismo e também tema central no livro *O primo Basílio*, que conta a história de um casal Luísa e Jorge que vivem aparentemente felizes, até

que ele, que é engenheiro, precisa viajar a trabalho e Luísa se acha sozinha em casa. Basílio, um primo, que estava há muito tempo sem vê-la volta e passa a visitá-la frequentemente e os dois tem um caso amoroso, rompendo assim com todos os tabus da sociedade naquela época, onde a mulher que cometesse adultério era mal vista por todos.

Os personagens criados por Eça de Queirós mostram como a sociedade escondia-se para passar por um modelo perfeito de família, assim como o casal protagonista Jorge e Luísa que aparentemente eram um par perfeito. Temos ainda como personagens secundários da trama: a cozinheira Joana que aproveita quando todos saiam de casa para ficar com seu namorado aproveitador; a criada Juliana que é revoltada com sua situação de vida e sente inveja de sua patroa e a chantageia; D. Felicidade uma beata que tem uma paixão secreta pelo Conselheiro, que por sua vez era um falso moralista; Sebastião é um antigo e fiel amigo de Jorge; Leopoldina é amiga de Luísa e é julgada pela sociedade por trair seu marido com vários homens; Basílio é um primo de Luísa que passa alguns anos distante. É um rapaz conquistador que se torna amante de Luísa para satisfazer seus desejos.

Vimos no capítulo anterior que a separação da pessoa amada causa um grande desconforto psíquico no indivíduo, assim como também as acusações do superego podem ocasionar um estado de melancolia. Partindo desse pressuposto teórico, faremos uma análise à luz da psicanálise no livro *O primo Basílio* de Eça de Queirós, mais especificamente dos conflitos psíquicos vivenciados pela personagem principal do romance: Luísa.

Luísa é uma bela moça, que fora apaixonada por seu primo Basílio na adolescência chegando até a marcar seu noivado com ele, mas a família do rapaz perde todo o seu dinheiro e por isso ele vai embora para recuperar os negócios e fica um tempo afastado dela, como podemos perceber nesse fragmento:

Basílio estava pobre: partiu para o Brasil. Que saudades! Passou os primeiros dias sentada no sofá querido, soluçando baixo, com as fotografias dele entre as mãos. [...] passou um ano. Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio recebeu da Bahia uma longa carta, que começava: “tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma criança...” Desmaiou logo. Basílio afetava muito dor em duas laudas cheias de explicações [...]. Viveu triste durante meses. Era no inverno; e sentada à janela, por dentro dos vidros, com o seu bordado de lã, julgava-se desiludida, pensava no convento, seguindo com um olhar melancólico os guarda-chuvas gotejantes que passavam sob as cordas de águas; ou sentando-se ao piano, ao anoitecer, cantava Soares de Passos. . (QUEIRÓS, 2008, p.14-15).

Como vimos no primeiro capítulo, esse estado de tristeza pelo qual Luísa passa quando rompe seu namoro com Basílio é caracterizado por um estado de luto. Nas palavras de

Freud “O luto de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como um país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. (FREUD, 1917, p. 249).

Segundo Freud “O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. [...] quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido”. (FREUD, 1917, p. 250- 251). Assim sendo, Luísa se recupera do profundo estado de tristeza e conhece Jorge um jovem engenheiro que é muito apaixonado por ela, os dois vivem aparentemente felizes como descreve Eça de Queirós no seguinte trecho: “Estavam casados havia três anos. Que bom que tinha sido! Ele próprio melhorara; achava-se mais inteligente, mais alegre”. (QUEIRÓS, 2008, p. 09).

Entretanto, a felicidade do casal acaba quando Jorge tem que deixar sua esposa para fazer uma viagem a trabalho. Basílio então retorna e por achar Luísa sozinha se oferece para lhe fazer companhia, com a intenção de seduzi-la. As visitas de Basílio se tornam frequentes e ela fica totalmente envolvida e apaixonada por ele, tornando-se alvo de fofocas em toda a vizinhança:

- A vizinhança é a pior coisa que há minha rica amiga. Repara em tudo. Já se tem falado. A criada do lente, o Paula. Até já vieram a tia Joana. E como o Jorge não está... O Neto também reparou. Como não sabem o parentesco... É como vem todos os dias... (QUEIRÓS, 2008, p. 127).

A criada Juliana desconfiada das visitas de Basílio a casa e começa a bisbilhotar Luísa ouvindo suas conversas, até que consegue pegar algumas cartas que ela trocava com seu amante e a partir desse ponto passa a chantageá-la exigindo uma quantia alta em troca das mesmas. Juliana ordena que ela faça todos os afazeres da casa e até chegar a doar suas roupas para ela.

Luísa cede cada vez mais às chantagens da criada e torna-se prisioneira dentro de sua própria casa, tendo que fazer todas as vontades de Juliana que sai para fazer passeios em pleno horário de trabalho.



## 2.2. Luísa: Transgressão e punição

O enredo acontece no século XIX no continente europeu, mas especificamente na cidade de Lisboa. A personagem principal Luísa representa tipicamente as mulheres daquela época, ou seja, viviam para cuidar do lar e satisfazer os caprichos do marido.

Mas, Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa; tinha cuidado muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho; e aquele serzinho louro e meigo veio dar a sua casa um encanto sério. É um anjo cheio de dignidade! Dizia então Sebastião. (QUEIRÓS, 2008, p. 09).

Antes de apresentar os sintomas da melancolia, Luísa, como nos apresentou anteriormente Eça de Queirós, era uma mulher alegre que cumpria com seus deveres de dona de casa. Todavia, a personagem ao longo do romance já apresentava indícios que sentia vontade de abandonar as regras que tanto a sufocava, podemos perceber isso perfeitamente nesse trecho do livro, em que ela se encontra com sua amiga Leopoldina que é uma mulher adúltera.

Às vezes na sua consciência achava Leopoldina “indecente”, mas tinha um fraco por ela; sempre admirara muito a beleza de seu corpo, que quase lhe inspirava uma atração física. Depois desculpava-a; era tão infeliz com o marido! Ia atrás da paixão, coitada! E aquela grande palavra, faiscante e misteriosa, de onde a felicidade escorre como a água de uma taça muito cheia, satisfazia Luísa como uma justificação suficiente; quase lhe parecia uma heroína; e olhava-a com espanto como se consideram os que chegam de alguma viagem maravilhosa e difícil, de episódios excitantes. (QUEIRÓS, 2008, p. 19).

Percebemos nesse fragmento, o conflito vivenciado por Luísa em relação ao *Id* e o *Superego*. O *Id* incitando a busca pelo prazer e a satisfação dos desejos sexuais e o *Superego* punindo a personagem, punição essa que ocorrerá pela devastação do ego, nas crises de melancolia.

Com a viagem de Jorge ao Alentejo e com a chegada de Basílio, Luísa finalmente se sente livre para fazer o que sempre tivera vontade, viver uma aventura amorosa. A personagem fica maravilhada com tudo que está vivendo com Basílio, pois encontra no primo o que não encontrava no seu marido. Observamos isso no seguinte trecho do livro:

“Que vida interessante a do primo Basílio!” – pensava. – “O que ele tinha visto!” Se ela pudesse também fazer as malas, partir, admirar aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes! Como desejaria visitar os países que

conhecia dos romances [...] E ir a Paris! Paris, sobretudo! Mas, qual! Nunca viajaria decerto; eram pobres; Jorge era caseiro, tão lisboeta! (QUEIRÓS, 2008, p. 54-55).

Portanto, podemos perceber que conflito do enredo é justamente o embate entre os desejos sexuais da personagem representados pelo *Id* e a repressão advinda do *Superego*, ou seja, o *Id* lhe incita a agir seguindo seus ímpetos, mas por outro lado o *Superego* lhe reprime a favor da moral.

Para Freud o *Id* é “a parte obscura e inacessível da personalidade [...] aproximamo-nos do *Id* com analogias, chamamo-lo um caos, um caldeirão cheio de excitações fervilhantes” (1930-1936, p. 215). A partir das considerações do autor, podemos perceber no romance que o *Id* é revelado na personalidade rebelde de Basílio, que tenta Luísa até conseguir o que quer.

– Onde tu quiseses. A Paço d’ Arcos, a Loures, a Queluz. Dize que sim. A sua voz era muito urgente; quase ajoelhada. – Que tem? É um passeio de amigos, de irmãos. – Não! Isso não! Basílio zangou-se, chamou-lhe de beata. Quis sair. Ela veio tirar-lhe o chapéu da mão, muito meiga, quase vencida. – Talvez, veremos – dizia. (QUEIRÓS, 2008, p. 104).

A moça finalmente cede as investidas de Basílio. E em uma viagem para o “paraíso” nome dado por eles ao lugar onde se encontravam, Luísa “ao descer do Chiado, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante” (QUEIRÓS, 2008, p. 160). Analisando esse fragmento, podemos supor que quando a personagem estava no “paraíso” com seu amante, era motivada inconscientemente pelo *Id*, a sua casa nesse contexto representava o *Superego*, uma vez que lá ela não podia concretizar seus desejos.

A complexidade da personagem consiste na contradição entre o desejo e a moral. Por um lado ela sofre fortes investidas do *Id* para consumir seus desejos sexuais pelo primo, mas por outro lado tem o *superego* exigindo a obediência as regras. Como podemos observar na seguinte passagem do livro:

Mas então, de repente, emudecia interiormente. Lembravam-lhe os olhares de Basílio, as suas palavras exaltadas, aqueles beijos, o passeio ao Lumiar. A sua alma corava baixo, mas o seu peito seguia declamando alto: - decerto, havia um sentimento, mas era honesto, ideal, todo platônico!... Nunca seria outra coisa! Podia ter lá dentro, no fundo, uma fraqueza... Mas seria sempre uma mulher de bem, fiel, só de um! (QUEIRÓS, 2008, p. 130).

Luísa estava vivendo com Basílio tudo aquilo que ela tinha lido nos romances e que sempre sonhara em realizar. Era Basílio que a fazia se sentir amada e desejada. Como nos descreve Eça de Queirós:

Às três horas lancharam. Foi delicioso; tinham estendido um guardanapo sobre a cama; a louça tinha a marca do Hotel Central; aquilo parecia a Luísa muito estroina, adorável, e ria de sensualidade, fazendo tilintar os pedacinhos de gelo contra o vidro do copo, cheio de champagne. Sentia uma felicidade que transbordava em gritinhos, em beijos, em toda a sorte de gestos buliçosos. Comia com gula; e eram adoráveis os seus braços nus movendo-se por cima dos pratos. (QUEIRÓS, 2008, p. 188).

Mas quando estavam na sua melhor fase do romance, tudo vem à baixo quando a criada Juliana rouba as cartas trocadas entre eles e passa a chantagear Luísa.

- A Senhora não me faz sair de mim! A Senhora não me faça perder a cabeça! – e com a voz estrangulada através dos dentes cerrados: - olhe que nem todos os papéis foram pra o lixo! Luíza recuou, gritou: - que diz você? – Que as cartas que a Senhora escreveu aos seus amantes, tenho-as eu aqui – E bateu na algibeira, ferozmente. Luíza fitou-a um momento com os olhos desvairados e caiu no chão, junto à causense, desmaiada. (QUEIRÓS, 2008, p. 198).

Tomando como base as reflexões de Freud, podemos sugerir que o desmaio de Luísa seria uma forma que o seu ego encontrou para se defender da situação, o desmaio nesse momento serve de escape para ela, ou seja, uma espécie de fuga da realidade uma vez que ela vem sendo acusada pelo seu *Superego* inconscientemente. E essa saída, como nos diz Barthes *apud* Santos (2000, p. 45), é o êxtase: “Disfarço meu luto, sob uma fuga: me diluo, desmaio para escapar a esta capacidade, a essa obstrução, que me torna um sujeito responsável: saio: é o êxtase”

Percebemos que o contexto sociocultural da época em que a personagem principal estava inserida não permitia que ela fosse uma mulher adúltera, Juliana sabendo disso passa a chantageá-la defendendo os valores da sociedade, sendo assim a todo o momento lembrava a sua patroa que ela havia transgredido e que é culpada e que pagaria caro por isso.

Juliana fica então lhe exigindo várias mordomias, Luísa faz todos os gostos dela, pois além das chantagens, podemos supor que ela também tem no seu inconsciente o desejo de autopunição despertado pelo *Superego* que lhe instaura o sentimento de culpa, de vergonha, de remorso. A protagonista pensa em fugir com Basílio achando assim que essa seria sua única saída, como vemos no seguinte trecho do livro:

[...] O que havia de infeliz em abandonar a sua vida estreita entre quatro paredes, passada a examinar róis de cozinha e a fazer crochê, e partir com um homem novo e amado, ir para Paris! Para Paris! Viver nas consolações do luxo, em alcovas de seda, com um camarote na Ópera!... Era bem tola em se afligir! Quase fora uma felicidade aquele “desastre”! sem ele nunca teria tido a coragem de se desembaraçar da sua vida burguesa...(QUEIRÓS, 2008, p. 201).

Isso nos mostra que no seu íntimo Luísa já desejava fugir com Basílio na esperança de ter uma nova vida, diferente da que ela tinha. Mas ele se nega a fugir com ela, acabando assim com todas as suas ilusões. Com medo de que todos descobrissem seu romance secreto, Basílio a abandona novamente.

– Adeus! E da porta, voltando-se, com melancolia: - escreve-me ao menos. Sabes a minha morada. Rua Saint Florentin, 22. Luísa chegou-se a janela [...] o trem rolou. Era o nº 10... nunca mais o veria! Tinham palpitado no mesmo amor, tinham cometido a mesma culpa. – Ele partia alegre, levando as recordações romanescas da aventura; ela ficava, nas amarguras permanentes do erro. E assim era o mundo! (QUEIRÓS, 2008, p. 220).

Sentindo-se abandonada e desamparada por seu amante, Luísa apresenta sentimentos de tristeza e de angústia. Como nos relata o narrador nesse fragmento do romance: “Veio-lhe um sentimento pungente de solidão e de abandono. Estava só, e a vida aparecia-lhe como uma vasta planície desconhecida, coberta da densa noite [...]” (QUEIRÓS, 2008, p. 220).

Com isso ela passa ficar em um estado melancólico em consequência da repressão e da perda do objeto amado. Nasio comenta sobre a dor da separação: “De fato, a ruptura de um laço amoroso provoca um estado de choque semelhante aquele desencadeado por uma violenta agressão física”. (NASIO, 2007, p. 32).

### **2.3. Melancolia: O dilaceramento do ego**

No decorrer da trama, Juliana se aproveita da situação de fragilidade da patroa para chantageá-la pedindo cada vez mais pelo resgate das cartas roubadas por ela. A partir daí a história tem uma reviravolta e Luísa passa de patroa a empregada. Juliana passa a exigir-lhe roupas novas, um quarto novo. Jorge, porém, volta e percebe que houve mudanças na casa e estranha à maneira com que sua esposa trata a criada, já que antes não a suportava e agora fazia todas as suas vontades. Juliana vai ainda mais longe e começa a se desleixar nos serviços de casa, Jorge reclama e cogita em dispensar a empregada. Luísa com medo que Juliana conte seu segredo, começa a refazer alguns serviços mal feitos da criada. A empregada se dá conta disso e se aproveita para que ela faça todos os serviços da casa.

Daí a dias, eram seis horas, ainda não tinha voltado para servi o jantar. “tinha ido à modista...” explicou Luísa. – mas se a Juliana é unicamente para ir a modista, então,

toma-se outra criada para fazer o serviço da casa – disse ele. – Aquelas palavras secas Luíza fez-se pálida; duas lágrimas rolaram-lhe pela face. – Jorge ficou pasmo. Que era? Luíza não se dominou, rompeu num choro nervoso, histérico. – mas que é, minha filha, que tens? Zangaste-te? [...] Já então lhe notara certas tristezas, abatimentos inexplicáveis, uma irritabilidade nervosa... Que seria? (QUEIRÓS, 2008 p. 259-260).

Assim como o próprio Eça de Queirós relata no trecho acima, podemos perceber que Luísa tinha passado os últimos dias triste, abatida, e tinha constantes choros nervosos sempre que via a possibilidade de ter seu segredo descoberto, se preocupava muito com o que as pessoas iriam falar e o que diriam de uma mulher adúltera. Ou seja, ela cedeu aos impulsos do *Id* consumando a traição e depois é acusada pelo *Superego* inconscientemente se tornando melancólica. Freud referindo-se ao melancólico diz que:

“[...] No surto melancólico o Superego torna-se rigoroso demais, xinga, humilha e maltrata o pobre Ego, ameaçando com os mais duros castigos, recrimina-o por atos passados, que na época não foram levados a sério, como se durante todo o intervalo houvesse juntado acusações [...]. (FREUD, 1930-1936, p. 197-198).

Notamos que desde que a empregada Juliana descobriu o segredo da sua patroa e Luísa foi abandonada por seu amante Basílio, foi instaurado na personagem um estado de melancolia que conseqüentemente a levará a morte precoce. Assim como nos descreve Eça de Queirós: [...] “Por mais clara que estivesse amanhã, tudo lhe parecia vagamente pardo. A vida sabia-lhe má. Vestia-se devagar, com repugnância, entrando no seu dia como numa prisão”. (2008, p. 261). Podemos perceber que Luísa perde a alegria de viver característica da melancolia, pois o melancólico segundo Freud sente “desânimo profundo penoso, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima [...]”. (1917, p. 250).

Luísa via a cada dia sua situação piorar e Jorge estava cada vez mais desconfiado daquela situação, pensando nisso ela finalmente decide falar com o amigo de Jorge, Sebastião, na esperança que ele a ajudasse. E é o que acontece, ele junto com um amigo que foi guarda, toma à força as cartas e Juliana tem um ataque de coração não resiste e morre. Luísa embora agora estivesse livre da empregada, ainda continuava triste e doente.

Luísa passou a noite às voltas, com febre. Jorge de madrugada ficou assustado da frequência do seu pulso e do calor seco da pele [...] Julião, chamado à pressa, tranquilizou-os: - é uma febrezinha nervosa. Quer sossego, não vale nada. Foi o medozinho de ontem, hem? – sonhei toda a noite com ela – disse Luísa. – que tinha ressuscitado... Que horror! (QUEIRÓS, 2008, p. 332-333).

Como Eça de Queirós nos relata no trecho acima, mesmo com a morte de Juliana, Luísa continua melancólica, pois como afirma Freud no seu texto *Luto e Melancolia* o melancólico, “[...] representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor; incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso ou punido” (FREUD, 1917, p. 251- 252).

Portanto, mesmo com tudo a seu favor Luísa não consegue voltar à sua rotina, pois tem no seu inconsciente o desejo de punição, ou seja, se autorrecrimina a todo instante. Além disso, ela sofre por saber que não é amada por seu amante, Basílio. No livro *A separação dos amantes*, Caruso diz que: “a insegurança e a angústia dos amantes é em geral tão grande que o prazer de sua relação provoca, em contrapartida, violentas crises de consciências”. (1914, p. 92-93).

Jorge cuida de sua esposa com todo o carinho no momento da doença. Até que certo dia ele recebeu uma carta que era destinada a ela, quando abriu viu que era de Basílio, contando das saudades que tinha da época que estavam juntos. Jorge fica transtornado com o que ler, mas mesmo assim continua a cuidar dela, quando finalmente Luísa apresenta uma melhora, Jorge fala a respeito da carta como veremos a seguir:

Tu agora estás boa, podes ouvir... Luísa! Vivo num inferno há duas semanas. Não posso mais... tu estás boa, não é verdade? Pois bem, que quer dizer isto? Dize a verdade! E estendeu-lhe a carta de Basílio. – o que é? – fez ela muito branca. E o papel dobrado tremia-lhe na mão. Abriu-a devagar, viu a letra de Basílio; num relance adivinhou-a. Fixou Jorge um momento de um modo desvairado, estendeu os braços sem poder falar, levou as mãos à cabeça com um gesto ansioso como se sentisse ferida, e oscilando, com um grito rouco, caiu sobre os joelhos, ficou estendida no tapete. (QUEÍROS, 2008, p. 351).

Mais uma vez como vemos acima Luísa desmaia. Poderíamos supor, a luz da Psicanálise, que o desmaio dela poderia ser um mecanismo de defesa do ego, pois para fugir da situação real ela desmaia ficando por um momento livre das acusações.

Ao saber que Jorge descobriu seu adultério, Luísa piora ainda mais seu estado de saúde e passa a ter delírios por consequência do sentimento de culpa e de abandono. Conforme nos descreve Eça de Queirós:

Jorge falava-lhe com toda a sorte de palavras consoladoras e suplicantes; pedia-lhe que sossegasse, que o conhecesse; mas de repente ela desesperava-se, gritava pela carta, maldizia Juliana – ou então dizia palavras de amor [...] um momento, julgando-se no paraíso – e nas exaltações do adultério, chamou Basílio, pediu champagne, teve palavras libertinas, Jorge fugiu da alcova alucinado; foi para a sala

às escuras, atirou-se para o divã a soluçar, arrepelou-se, blasfemou. (QUEÍROS, 2008, p. 352).

Com base na Psicanálise podemos dizer que, Luísa se torna uma pessoa melancólica por justamente ter traído seu marido e por ter sido abandonada por seu amante, percebemos que ela tem no seu inconsciente um desejo muito forte de punição. Ela parece não se perdoar por ter cometido o adultério e passa o resto dos seus dias se torturando, pelo medo e vergonha de ser desmascarada pela sociedade e pelo seu marido, receio de ser apontada por todos como uma prostituta. A personagem não resiste a esse doloroso tormento e se entrega a morte. Para Caruso, “A angústia e a culpa podem ser intensos ao ponto de levarem à morte a pessoa abandonada, que se sente atormentada pela angústia da morte [...] o poder da angustia deve ser especialmente violento por que oscila entre a vida e a morte” (1914, p. 88).

Luísa trai o marido com o primo e paga caro por isso, podemos perceber nesse fragmento do livro a maneira melancólica que ela se encontrava nos últimos dias da sua vida.

Sentia, então como um alívio doloroso, em ver o fim do seu longo martírio! Havia meses que ele durava. E pensando em tudo o que tinha feito e que tinha sofrido, as infâmias em que chafurdava e as humilhações a que descera, vinha-lhe um tédio de si mesma, um nojo imenso da vida. Parecia-lhe que a tinham sujado e espezinhado; que nela nem havia orgulho intacto, nem sentimento limpo; que tudo em si, no seu corpo e na sua alma, estava enxovalhado, como um trapo que foi pisado por uma multidão, sobre a lama. Não valia a pena lutar por uma vida tão vil. (QUEÍROS, 2008, p. 304-305).

Com podemos observar na citação acima, Luísa passa de uma mulher alegre para uma figura triste, cai na melancolia fruto do trauma de ter traído e de ter sido abandonada por seu amante o qual ela arriscou a vida.

No final do romance, Basílio finalmente retorna de Paris e vai novamente procurar por Luísa em sua casa, mas não a encontra mais, pois ela já havia morrido. Ele ao saber disso age com indiferença com respeito à sua ex amante.

[...] Que tinha ela? Não queria dizer mal da pobre senhora que estava naquele horror dos prazeres, mas a verdade é que não era uma amante chique; andava em tipoias de praças; usava meias de tear; casara com um reles individuo de secretária; vivia numa casinhola; não possuía relações decentes; jogava, naturalmente, o quino, e andava por casa de sapatos de ourelo; não tinha espírito, não tinha toilette... que diabo! Era um trambolho! (QUEÍROS, 2008, p. 370).

Entendemos claramente nessa citação que Basílio não amava Luísa, o que ele sentia por ela era apenas um desejo sexual. Diferentemente dele, ela o amava mais que a seu próprio marido e por ele seria capaz de largar tudo. Percebemos que a obra analisada nos apresenta

um caráter verossímil, uma característica predominante dos autores realistas, já que os mesmos retratavam a sociedade como ela era. O romance realista, nos mostra como era a condição feminina no século XIX, assim como bem observamos que Luísa foi criticada e punida sozinha, enquanto que Basílio saiu ileso da história, ou seja, o homem desfrutava de total liberdade no que se refere a algumas normas da sociedade sem ser julgado e condenado por ter cometido atos não aprovados socialmente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade lisboeta do século XIX é retratada por Eça de Queirós no livro *O primo Basílio*, o autor, como já vimos, mostra a sociedade portuguesa e a maneira que as mulheres viviam naquela época. Elas eram criadas e educadas para desempenharem os afazeres domésticos (cuidar da casa e dos filhos), assim as mulheres que cediam aos desejos sexuais eram condenadas e tachadas pela sociedade como prostituta. Como tivemos o exemplo de Luísa que cedeu às pulsões e foi acarretada pelo sentimento de culpa, autopunição e melancolia.

No romance *O primo Basílio*, Eça de Queirós faz críticas aos costumes da sociedade lisboeta. Como vimos anteriormente à figura feminina do século XIX sofria muitas imposições sociais. Luísa, assim como muitas mulheres daquela época, queria experimentar o novo, o proibido e se tornou perante a sociedade uma mulher adúltera, caindo assim na marginalidade em relação às regras e ao paradigma do comportamento social que vigorava na época, na qual o que poderia figurar na vitrine era a exposição de uma mulher que conservava o bom porte no vestir, a esposa leal ao marido e uma boa governanta do lar que era responsável por conservar a família no mesmo padrão e educação que não fugisse dos modelos de comportamento da época.

Ao se falar em regras e costumes, fazendo um paralelo com a teoria de Freud, sabemos que o *superego* internaliza desde a infância essas regras que permeiam e se configura em uma sociedade. Assim, ao quebrar essas regras Luísa levantou de imediato à fúria de um inimigo dentro de sua própria pessoa, o seu próprio *superego* que fazendo jus a sua função passou a reprimir e punir a personagem por tais atos cometidos. Adiante quando perdeu seu objeto de amor, Luísa não suportou a batalha contra a repressão e contra a dor de amar, vindo assim, inevitavelmente a cair num estado de melancolia.

Neste estudo, analisamos a luz da psicanálise, a melancolia ocasionada pela perda do objeto amado e pela autopunição. A obra queiroziana apresenta a história da protagonista Luísa, que trai o marido com seu primo Basílio e em seguida é abandonada por ele, tendo que viver o resto dos seus dias o martírio de ter transgredido e ter sido abandonada por seu amante. É neste contexto que Luísa mergulha na melancolia, nas palavras de Freud a melancolia se configura como:

[...] um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de todo e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em

auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917, p. 250).

Luísa se aventurou em nome do amor e do desejo que sentia por Basílio, desafiou as regras impostas naquela época em que cabia às mulheres serem apenas dona de casa, esposa e mãe. Ela se entregou a um homem que não a amava apenas a desejava e quando viu a possibilidade do adultério ser descoberto a abandonou: “[...] enquanto estivesse em Lisboa o romance era agradável, muito excitante; porque era muito completo! Havia adulteriozinho, o incestozinho. Mas aquele episódio agora estragava tudo! Não, realmente, o mais razoável era safar-se!” (QUEIRÓS, 2008, p. 214).

Sendo assim, Luísa é abandonada por seu amante, ficando entregue a própria sorte. A partir daí o sofrimento é inevitável, pois além de sofrer com a rejeição de Basílio ela é punida psiquicamente e socialmente. A protagonista morre, e Basílio se “livra” do escândalo e segue normalmente sua vida, como se nada tivesse acontecido, ou seja, o amante não sofre nenhuma consequência grave por conta dos seus “erros”, mas Luísa é “castigada” com morte, esse fato é comum nos romances realistas.

Enveredamos pela hipótese de que não foi apenas o adultério que desencadeou em Luísa a melancolia, mas também a dor de amar, por ter perdido o seu objeto de amor. Assim, ela teve que viver o resto dos seus dias sofrendo com as punições do *superego* e com a frustração por ter sido abandonada por Basílio.

## REFERÊNCIA

### BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. (Coleção clássicos da literatura).

### BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

CARUSO, Igor A. *A separação dos amantes: uma fenomenologia da morte*, São Paulo, Diadorim: Cortez, 1984.

CADEMARTORI, Lígia. *Períodos Literários*, São Paulo, Ed. Ática S. A., 1993.

FREUD, Sigmund. (1925-1926). Um estudo autobiográfico In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1914-1916). Luto e melancolia In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 15 Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1930-1936). A dissecação da personalidade psíquica. In: *Obras completas O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* V. 18. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

MASSAUD, Moisés. *A literatura portuguesa através dos textos*, 29 ° Ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NASIO, Juan David. *A dor de amar*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

ROUDNESCO, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

SANTOS, Jeana Laura da cunha. *A estética da melancolia em Clarice Lispector*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

SOUZA, Edson Luiz André de, *Sigmund Freud: ciência, arte e política*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.